

Reflexões conceituais sobre a oralidade e a midiaticização nos processos do comunicacional batuqueiro¹

Sérgio Gabriel FAJARDO²

Rudimar BALDISSERA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Neste texto refletimos conceitualmente sobre a oralidade e a midiaticização nos processos do comunicacional batuqueiro. Para isso, realizamos uma breve revisão de literatura, em perspectiva interdisciplinar, pontuando algumas notas. Percebemos que a midiaticização tende a afetar a prática em presença nos terreiros, perturbar as relações de poder e causar fissuras e/ou transformações na memória coletiva, tensionando as práticas de discrição e invisibilidade desta tradição.

Palavras-chave: Oralidade; Midiaticização; Comunicacional Batuqueiro; Batuque Gaúcho.

Abre-caminhos

Primeiramente, importa dizer que esse estudo está vinculado à tese que estamos elaborando e, por isso, esta é uma reflexão inicial sobre alguns pressupostos que nos orientam. Dito isso, pontuamos que o Batuque Gaúcho é uma tradição de matriz africana (Silveira, 2020) fortemente presente no Rio Grande do Sul, que se constitui na experiência da diáspora e que tem como princípio teológico a sacralidade da oralidade e a discrição sobre várias práticas dos terreiros (com lógicas de invisibilidade). Um dos fatores que explica muitas das estratégias de invisibilidade

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática Discursos, Identidades e Relações de Poder, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Professor no IFSul. Doutorando e Mestre em Comunicação (PPGCOM/UFRGS). Bolsista CAPES. E-mail: sfajardopoa@hotmail.com.

³ Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista de produtividade do CNPQ. E-mail: rudimar.baldissera@ufrgs.br.

adotadas é o contexto de fortes ataques, com raízes no racismo estrutural brasileiro, que sofreram/sofrem seus praticantes. Por muito tempo os terreiros foram policiados (e ainda são), tendo suas práticas cercadas a partir do que foi/é constituído no imaginário social sobre as tradições de matrizes africanas (conteúdos pejorativos!), sob forte influência das religiões cristãs.

Essa conjuntura demonstra a relevância que as práticas de discrição e/ou invisibilidade assumem na tradição batuqueira, inclusive como forma de resguardo dos terreiros e praticantes. O segredo, além de ser um conteúdo simbólico orientador, é uma estratégia de manutenção e permanência desses espaços. Sabendo disso, e considerando as atuais lógicas de exposição nas redes sociais, com práticas de dizer de si e dar-se a ver (Baldissera, 2017), neste texto objetivamos refletir sobre a oralidade e a mediatização nos processos do comunicacional batuqueiro.

Notas sobre a oralidade no comunicacional batuqueiro

Constituídos sob intenções/interações e necessitando de gestão, compreendemos os terreiros como organizações (Uribe, 2007) e como sistema vivos (Baldissera, 2009), que interagem com diferentes outros sistemas. Assim, interpretamos seus processos comunicacionais como da qualidade da comunicação organizacional, que comporta todos “processos de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (Baldissera, 2008b, p. 169). À essa luz, assumimos que o comunicacional batuqueiro compreende todos os processos comunicacionais e interacionais que se materializam nos/pelos terreiros batuqueiros (Fajardo; Baldissera, 2021), inclusive nas mídias digitais, sendo “responsáveis por conformar, manter e/ou transformar significações que não impactam somente essas organizações, mas também refletem, positiva e negativamente, na comunidade batuqueira como um todo” (Fajardo; Baldissera, 2022, p. 141).

Nesses processos, conforme pesquisa que realizamos (Silva Neto, 2022), sabemos que a oralidade é central para: a) institucionalização das relações de poder nos terreiros, enfatizando quem pode usar da retórica, com fala autorizada e reconhecida, e quem deve ocupar os lugares de silêncio/escuta (Fajardo; Baldissera, 2022); b) sacralização da comunicação, a partir de influências dos/as Orixás que

consagram o ato autorizado de falar como algo sagrado; c) memória coletiva do grupo, ancorada na experiência dos/as mais velhos/as e com suporte em alguns poucos registros particulares e sem circulação pública; d) manutenção do “comum” na comunidade batuqueira, estabelecendo modos de relações entre as diferentes vertentes cultuadas; e) prática em presença nos terreiros como processo pedagógico de conhecimento, pois é uma tradição que necessita da experiência; e f) dizeres sobre as organizações terreiros, circulando, em grande parte, em fofocas/boatos que fogem do controle das lideranças - os pais e mães de santo.

Considerando isso, a oralidade, com suas nuances, pode causar diferentes níveis de perturbações na cultura batuqueira, afetando, inclusive, as práticas de discrição e/ou invisibilização. Essa conjuntura faz com que os terreiros sejam espaços de permanente construção e disputas de sentidos, precisando, muitas vezes, se reorganizar, em processos sistêmicos de abertura e fechamento, exercendo um certo exercício de olhar para si, para reafirmar questões basilares, a fim de que não se percam, como são, por exemplo, as questões relativas à exposição de suas práticas, principalmente nesses tempos de mediatização.

Notas sobre a mediatização no comunicacional batuqueiro

Sabemos que no atual contexto dos terreiros, as perturbações nas relações de poder têm sido ampliadas pelos atravessamentos das mídias digitais, principalmente pelas diversas possibilidades que os sujeitos passaram a ter de criar/compartilhar conteúdos sobre o Batuque Gaúcho (autorizados ou não). Segundo Sodré (2015), no presente o secreto é confrontado com as lógicas de visibilidade e mediatização da vida social. Por mediatização compreendemos, segundo Verón (2014, p. 16), a “[...] longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedade humanas e suas múltiplas consequências”.

Sobre a mediatização das práticas batuqueiras, Campos (2023, p. 272) afirma que as culturas negras, que se baseiam na lógica de circularidade, encontram no “[...] processo de mediatização uma territorialidade num espaço igualmente em movimento”. O autor (2023, p. 272) também afirma que “[...] as interações sociais da comunidade negra, [...] que se organizavam em tradicionalmente por estruturas de rodas sagradas

ou profanas, foram atravessadas pelo midiático”, fator que faz com que os elementos da identidade que antes eram propagados em presença nos terreiros, agora passam a ser “[...] difundidos também pelas mídias”. Nesse contexto, segundo Campos (2023, p. 280, grifos do autor), “as culturas negras resultantes dessa diáspora, marcadas por práticas em *processo* e *fluxo*, encontraram na circulação midiática territorialidades possíveis”. Citando um exemplo disso aqui, mencionamos que em estudo anterior Campos (2013) analisou a midiatização (gravação) dos cantos sagrados, que devem ser aprendidos nos terreiros, e sua afetação da memória coletiva. Considerando os atravessamentos da experiência midiatizada, o autor (2013) enfatiza que o consumo dos cânticos gravados pode vir a enfraquecer os modos de aprendizado da tradição. Até porque “a midiatização dos cânticos tensiona o suporte de transmissão da memória individual, afetando a memória coletiva, cujos sentidos são transmitidos pela experiência e oralidade não mediada” (Campos, 2013, p. 08). Assim, a midiatização dos processos do comunicacional batuqueiro, com os avanços tecnológicos, cada vez mais adentram (e tensionam) os terreiros batuqueiros, causando perturbações na tradição batuqueira.

Considerações prévias

A partir dessas breves notas, percebemos que a midiatização pode ocasionar flexibilizações, e até mesmo transformações, na tradição batuqueira, principalmente porque sua cultura é perturbada, e constantemente (re)constituída, na relação com outros sistemas culturais. A facilidade (necessidade?) de midiatização atual da vida proporciona, por exemplo, que diferentes sujeitos possam publicizar certas práticas batuqueiras, que sempre foram mantidas sob lógicas de segredo e sob a vigilância do pai/mãe de santo. Desse modo, como demonstram nossos pressupostos, a midiatização dos processos do comunicacional batuqueiro tende a enfraquecer a prática em presença nos terreiros, a desestabilizar as relações de poder, a causar fissuras e/ou transformações nas significações na memória coletiva do grupo, a perturbar as práticas de descrição e invisibilidade, e, também, e possibilita que pessoas não iniciadas na tradição acessem o conteúdo simbólico batuqueiro.

Referências

Baldissera, Rudimar. Comunicação Organizacional: uma reflexão possível a partir do Paradigma da Complexidade. *In*: Oliveira, I. L.; Soares, A. T. N. (org.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul - SP: Difusão, 2008b, p. 149- 177.

Baldissera, Rudimar. **Comunicação, organizações e comunidade: disputas e interdependências no (re)tecer as culturas**. *In*: III Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, 2009, São Paulo. Anais Abrapcorp 2009. São Paulo: Abrapcorp, 2009.

Baldissera, Rudimar. Comunicação organizacional e imagem-conceito: sobre gestão de sentidos no ambiente digital. *In*: Ruão, T; Neves, R; Zilmar, J. (orgs.). **A comunicação organizacional e os desafios tecnológicos**: estudos sobre a influência tecnológica nos processos de comunicação nas organizações. Minho: CS Edições, 2017. p. 1-17.

Campos, Deivison Moacir Cezar de. Entre tradição e contramodernidade: proposta de um modelo de análise para a investigação do atravessamento da circulação midiática e da circularidade do afro na diáspora. *In*: Silva, J. M. et al (Org.). **Redes de pesquisa**: comunicação e perspectiva. Porto Alegre: Sulina, 2023, v. 1, p. 271-297.

Campos, Deivison Moacir Cezar de. A afetação da memória coletiva do Batuque com a gravação dos cantos sagrados. *In*: Gilberto, P. et.al. (Org.). **Mídia e Religião**: a comunicação e a fé em sociedades em midiatização. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013, v. 1, p. 195-204.

Fajardo, Sérgio Gabriel. Baldissera, Rudimar. O comunicacional batuqueiro: interface entre conceitos da comunicação organizacional e da cultura. *In*: Martins, Ana Taís; Freitas, Camila (org.). **Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

Fajardo, Sérgio Gabriel. Baldissera, Rudimar. **Oralidade e poder hierárquico nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho: entre o direito sagrado de fala e o dever de escuta atenta**. Revista Logos, v. 29, n. 1, p. 115-132, 2022a.

Silva Neto, Sérgio Gabriel Fajardo. **Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho: a oralidade no comunicacional batuqueiro**. Porto Alegre, 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Silveira, Hendrix Alessandro Anzorena. **Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul**. São Paulo, SP: Arole Cultural, 2020.

Sodré, Muniz. Do segredo ao público/privado. *In*: Castro, P.C. (org.). **Dicotomia público/privado**: estamos no caminho certo? Maceió: EDUFAL, 2015. p. 13-24.

Uribe, Pablo Múnera. **La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva**. Editorial comunicación. 2009.

Verón, Eliseo. **Teoria da midiatização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, São Paulo, v.8, n.1, p. 13-19, 2014.